



## ANA TERRA: SÍMBOLO DA MULHER GAÚCHA, EXPRESSÃO MAIOR DE O TEMPO E O VENTO<sup>1</sup>

TAVARES, Carla Rosane da Silva<sup>2</sup>

**Palavras chave:** Gênero. Figura feminina. Homem. Saga.

### Introdução

Este texto apresenta as reflexões feitas a respeito da personagem Ana Terra, de *O tempo e o vento*, de Erico Veríssimo, dentro da proposta de estudos do Projeto *A representação da mulher em O Tempo e o Vento: um panorama histórico-social*. A pesquisa, na sua totalidade, teve como objetivo geral possibilitar o estudo da trilogia *O tempo e o vento*, do escritor cruz-altense Erico Verissimo, analisando o papel da personagem feminina. Para isso, buscou-se contrastar o perfil da mulher com o do homem, verificando-se as funções assumidas, a partir do que se estabelece uma análise comparativa com o momento histórico-social em que se apresenta e suas implicações estéticas.

Aqui, são discutidos dados do projeto, voltados à personagem Ana Terra, como representativa da obra, pela importância que assume no contexto literário, recorrendo-se, para sua elucidação, a aportes teóricos da área de gênero e crítica literária feminista, cujas conclusões apontam, em termos básicos, para a distinção sexo-gênero, a partir da compreensão de que gênero implica categorias que envolvem a construção sociocultural.

### Metodologia

A pesquisa, de caráter bibliográfico, hermenêutico e qualitativo faz parte do Projeto ARD – Auxílio Recém-Doutor, mantido pela FAPERGS - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul e, neste texto, teve como aporte teórico principal, no âmbito dos estudos de gênero e crítica literária feminista, autores como: Lauretis (1992), Perrot (2005), Schmitz (1997) e Smith (2003).

---

<sup>1</sup> Pesquisa vinculada ao GEPELC – Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Linguagens e Comunicação da UNICRUZ.

<sup>2</sup> Doutora em Letras – Estudos Literários (UFRGS). Professora de Literatura da UNICRUZ. Coordenadora e Pesquisadora do GEPELC. Coordenadora do Projeto de Pesquisa. [ctavares@unicruz.edu.br](mailto:ctavares@unicruz.edu.br)



## Resultados e discussões

A obra permite um olhar a respeito do papel da mulher enquanto partícipe dos processos construtivos da sociedade gaúcha, especialmente através de Ana Terra (e Bibiana, a qual, em muitos aspectos, como a crença e o hábito de lembrar o passado, relembra a avó), pois, embora, a família fosse basicamente patriarcal e, com isso, pouco espaço social lhe fosse reservado, como esposa, mãe e, mesmo, como filha, ela contribui nos “bastidores”, garantindo condições de atuação do homem, nos momentos decisivos de luta e conquista. Pela percepção de Perrot (2005), verifica-se, na sociedade patriarcal, a distinção de ordem ideológica sexo-espacial, que estabeleceu os papéis sociais do homem, associados à mobilidade e ao universo dos contatos rua – mundo e, conseqüentemente, aos trabalhos produtivos, os negócios. À mulher, por sua vez, os papéis foram associados ao imobilismo estático da relação lar/procriação/educação dos filhos.

Ana Terra<sup>3</sup>, filha de Henriqueta e Maneco Terra: o próprio nome já traz em si a fixidez, a raiz ao solo. Matriarca dos Terra-Cambará, representante feminina maior da saga de Verissimo, descendente de imigrantes portugueses que, no século XVIII, vieram para o Rio Grande do Sul. “Chamava-se Ana Terra. Tinha herdado do pai o gênio de mula” (VERISSIMO, 2010, p. 162). A passagem sintetiza a resistência da personagem, característica forte que é responsável pela sua própria sobrevivência em um mundo árido, dominado pela prepotência masculina. Embora vivendo sob as regras de uma sociedade patriarcal, Ana Terra, tornou-se uma mulher forte, e essa força se expressa principalmente pelo desejo de uma vida nova, em lugares como Sorocaba, por exemplo, onde houvesse mais povoados. Isso pode ser visto em passagens como a do recorte a seguir, na qual o narrador acompanha a inquietação da jovem, que intui um acontecimento, pela urgência de que algo novo ocorra em sua vida:

Uma tarde, à hora da sesta, Ana Terra tornou a sentir aquela agonia de outras tardes e noites. Era uma sensação que não saberia descrever a ninguém. Seria fome? ... Havia acabado de almoçar, estava de estômago cheio; logo não podia ser fome. Tinha a sensação de que lhe faltava alguma coisa no corpo, como se lhe houvessem cortado um pedaço do ser. Era ao mesmo tempo uma falta de ar, uma impaciência misturada com a impressão de alguma coisa – que ela não sabia bem claramente o que era – ia acontecer, alguma coisa *tinha* de acontecer (VERÍSSIMO, 2010, p. 133).

O contexto social em que se insere a personagem não é diferente do contexto histórico extraliterário da época retratada literariamente. Trata-se de uma moça vivendo nos “cafundós” de uma fazenda, sem contato com o mundo e o sexo oposto, conduzida por regras fortemente

<sup>3</sup> Os recortes de *O Continente* pertencem ao volume 1.



machistas de uma família patriarcal, apoiadas na visão de que à mulher são relegados somente os afazeres do lar e o cuidado dos filhos, enquanto que ao homem são destinados papéis sociais e políticos. Percebe-se, assim, a distinção entre as posições conceituais de sexo e gênero; enquanto sexo é uma condição biológica, gênero é uma construção sociocultural, não decorrendo também somente da socialização, mas dos processos discursivos, e também se revela pela linha da desconstrução, como afirma Lauretis (1992).

Tida como símbolo da mulher gaúcha pelo enfrentamento das dificuldades vividas em meio às disputas territoriais, e pela personalidade férrea, que lhe permitem resistir aos embates, Ana Terra é uma das mais fortes personagens das páginas da Literatura brasileira, cujo nome é sempre associado à tenacidade e garra, como representativo da cultura sul-riograndense. Na trama de Verissimo, todos os acontecimentos convergem a ela, que representa o esteio dos Terra-Cambará. Essa composição se completa no envolvimento erótico-afetivo que Ana Terra vive com o índio Pedro Missioneiro.

Imersa no isolamento da estância, onde “[...] ninguém sabia ler e, mesmo naquele fim de mundo não existia calendário nem relógio” (VERISSIMO, 2010, p. 102), subordinada ao pai e aos irmãos, a solidão e os apelos do corpo a levam a romper duplamente com o comportamento esperado de uma moça solteira de sua época, considerada de família: envolve-se sexualmente com um homem, sem se casar com ele, engravida e, mais ainda, trata-se de um índio. Portanto, para os preceitos sociais, é um despossuído social, cultural e economicamente. Maneco Terra, Pai de Ana, olhava-o com desconfiança. “Entre suas convicções nascidas da experiência, estava a de que ‘índio é bicho traiçoeiro’” (VERISSIMO, 2010, p. 115). Tal união determina, na compreensão da família Terra, a única saída possível: lavar a honra com sangue.

Assim, a relação com Pedro representa a materialização da inquietude que Ana vive, enquanto mulher solitária, que praticamente não mantém contato com o mundo exterior e se confina em um ambiente de dificuldades. Consciente de seus desejos corporais, mas igualmente cônica de que deveriam permanecer em silêncio, Ana sente as manifestações de sua corporeidade. Ana via-se diante de um misto de sensações e sentimentos paradoxais: admirava-o e odiava-o; em verdade estava se apaixonando irremediavelmente: “No momento em que ele abriu a porta, Ana Terra por um instante viu, ouviu e sentiu a chuva, o vento, a noite e a solidão.” (VERISSIMO, 2010, p. 120).

Ana Terra é a figura feminina que estabelece o elo de ligação, expresso no título da trilogia, com o “vento” e os fatos significativos ocorridos ao longo do “tempo”, retomados pela memória: “Sempre que me acontece alguma coisa importante está ventando, costumava



dizer Ana Terra” (VERISSIMO, 2010, p.102). Já a habilidade e paciência de esperar os homens que partiam para guerra é uma estratégia feminina, iniciada com Ana, como coloca a crítica literária, encontrada pelas mulheres, como uma espécie de “arma”, a fim de suportarem as partidas dos homens e, muitas vezes, o não retornar.

A memória e o vento, no contexto literário, constituem um par relacionado; com ele os fatos acontecem na vida de Ana; com a memória, os fatos, o passado e as vidas presentificam-se e assim não morrem.

### Conclusões

Os resultados da pesquisa demonstram a preponderância da perspectiva masculina em *O tempo e o vento*, em uma época assinalada pela disputa histórico-política de uma revolução protagonizada pela força antagônica de dois grupos: federalistas X republicanos, cujo embate resultou na história do Rio Grande do Sul, vista na primeira parte de *O continente*. Nos grandes episódios, dirigidos pelo homem, à mulher não era dado espaço e voz ativa, entretanto, é possível acompanhar sua presença significativa em momentos de construção da história. E isso é percebido pela trajetória, força e destemor de Ana Terra, uma personagem que ultrapassa os limites artísticos de *O tempo e o vento*, adentrando no mundo extraliterário, sendo, inclusive, referida como símbolo da mulher gaúcha.

### Referências

HOHFELDT, Antônio. **Erico Verissimo**. Porto Alegre: Amrigs, 1984.

LAURETIS, Teresa de. *A tecnologia do gênero*. In: **A mulher na literatura**. Florianópolis: UFSC, 1992.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.

SCHMIDT, Rita Terezinha. (Org.). **Mulheres e literatura (trans)formando identidades**. Porto Alegre: Palotti, 1997.

VERISSIMO, Erico. **O continente**. (vol. I e II). Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. **O retrato**. (vol. I e II). Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. **O arquipélago**. (vol. I, II e III). Companhia das Letras, 2010.